

Para Dody Sirena, Gramado é ‘case extraordinário’ de turismo

/ ENTREVISTA

Ana Stobbe, de São Paulo
ana.stobbe@jcrs.com.br

O empresário Dody Sirena, co-fundador do DC Set Group, tem uma trajetória de sucesso: ao longo de 30 anos, foi o responsável pela carreira do cantor Roberto Carlos e, além disso, atuou na atração de diversos artistas nacionais e internacionais ao País.

Como empreendedor, também atua em outros ramos e, agora, aposta em um grande projeto, que define como a realização de um sonho de vida: o Sirena Gramado, um megaempreendimento turístico que reunirá entretenimento, hotelaria e projeto imobiliário em uma área de 205 hectares a partir de um investimento de R\$ 1,2 bilhão.

A Serra Gaúcha, para ele, deverá crescer nos próximos anos. Afinal, Gramado, conforme Dody, é um “case extraordinário”. Já no Rio Grande do Sul, o empresário acredita que o potencial turístico ainda não é suficientemente explorado.

É sobre esses temas e no detalhamento do novo empreendimento que deverá ser inaugurado no primeiro semestre de 2027 que ele se debruça nesta entrevista exclusiva concedida ao Jornal do Comércio.

Jornal do Comércio – Seu novo projeto surge em uma cidade que já tem muitos empreendimentos turísticos. Há espaço para a competitividade?

Dody Sirena – A gente sempre faz um trabalho de pesquisa e já estamos investindo muito na Serra Gaúcha. Já temos lá a única estação da Nasa fora dos Estados Unidos. Sou descendente de italianos e nasci na Serra Gaúcha. Então, diria que a DC Set Group iniciou no Rio Grande do Sul. Temos bastante conhecimento do mercado. E a competitividade é muito saudável e muito bem-vinda. Da mesma maneira, outros grandes empreendimentos do mundo se situam em polos que já estavam em desenvolvimento.

JC – E qual é o cenário que enxerga em Gramado?

Dody – Temos em Gramado uma realidade de 8 a 10 milhões de turistas por ano, com toda a estrutura que ainda está

estrutura que ainda está sendo construída, (incluindo um) aeroporto internacional. Temos a pretensão não de roubar uma parte dessa fatia, mas de potencializar (o turismo) com os nossos atrativos e o Club Med (que irá gerir o hotel all inclusive do complexo turístico), que já tem essa relação com o mercado internacional.

JC – Como vai ser esse empreendimento?

Dody – Teremos muitas atrações de entretenimento, que, naturalmente, guardadas as proporções, será como uma Disney. Essa pode ser uma referência. A Disney é um complexo turístico. E, lá, teremos um complexo turístico. É uma área imensa. É cinco vezes o tamanho da Redenção (Parque Farroupilha). Temos toda uma estrutura montada para atender as nossas expectativas. Que é de, em poucos anos, falarmos de 15 a 20 milhões de turistas por ano e potencializar o turista internacional, especialmente aqui no Cone Sul.

JC – A implementação será em fases... Como será este primeiro momento?

Dody – Envolve a parte da pista de esqui outdoor, que vai ser a maior da América Latina, com uma nova tecnologia, mais o Club Med e a área de eventos, que vai ter o espaço de convenções e um outro para casamentos, especializado nisso. O investimento inicial vai ser de R\$ 1,2 bilhão.

JC – E as demais fases?

Dody – Depois vai ter, basicamente, o que vamos chamar de boulevard, que é o centrinho. Em coordenação com a prefeitura, queremos proporcionar isso ao turista. Até porque o centro de Gramado está muito estrangulado. Inclusive, estamos en-

tusiasmado o município a ter um teleférico que sai do Parque das Hortênsias e vai até a nossa área, passando pelo Parque dos Pinheiros. E terá toda a gastronomia e uma casa de shows. Já temos a maior casa de dinner show do mundo pela Time Magazine com a DC Set, que se chama Roxy (no Rio de Janeiro). E vamos fazer isso lá também. De tempos em tempos vamos dar essas notícias, mas a segunda fase envolve este centrinho e depois o desenvolvimento imobiliário, em várias fases.

JC – Já sabe qual deve ser o investimento total do projeto?

Dody – Não, mas, só no imobiliário, os números giram em torno de uma projeção de VGV (valor geral de venda) de R\$ 1,5 bilhão a R\$ 2 bilhões. É um projeto bastante arrojado, bastante ousado, e nós estamos totalmente confortáveis com as nossas expectativas.

JC – Como vai funcionar o investimento de R\$ 1,2 bilhão da primeira fase?

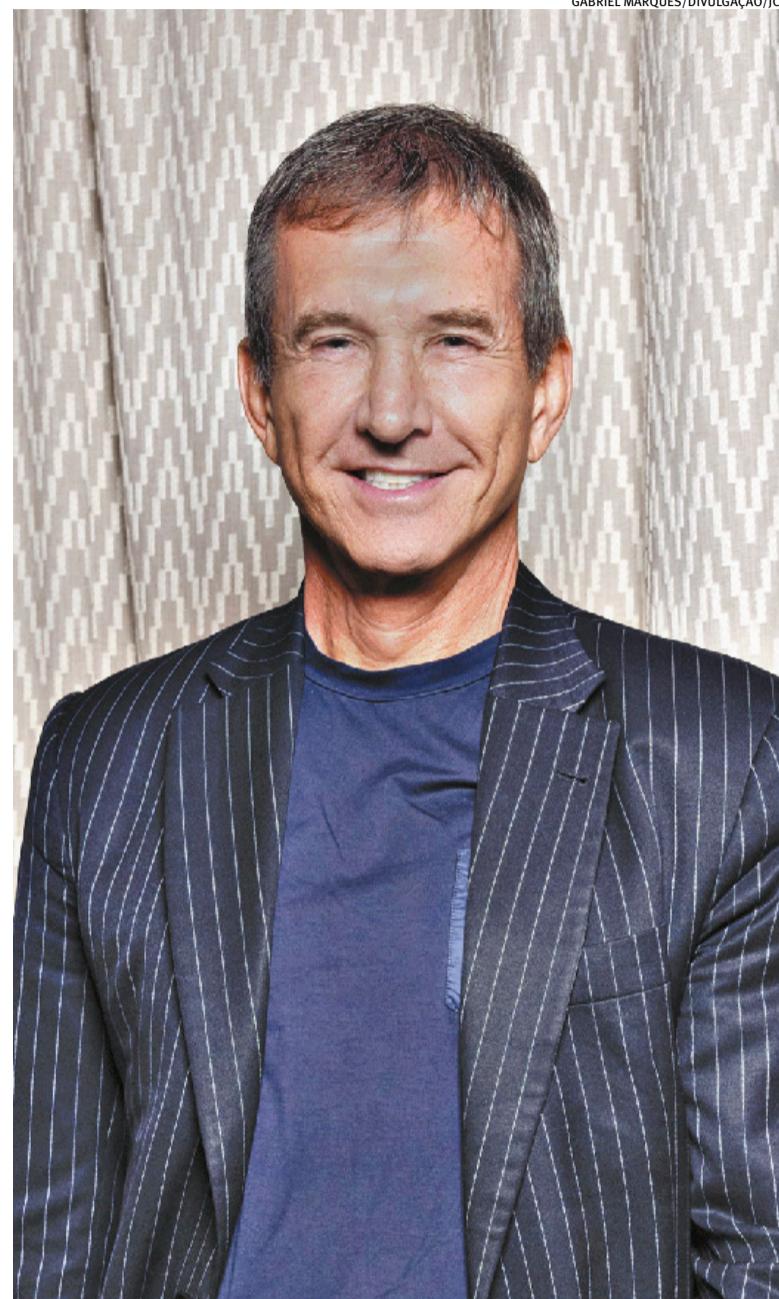
Dody – Diria que 20% disso vai ser com financiamento dos bancos de fomento do Sul e 80% com recursos próprios.

JC – A casa de shows deve trazer grandes artistas?

Dody – Gramado vai se beneficiar com os nossos investimentos com shows voltados para um público mais de classe média alta e classe A. A DC Set Group já trouxe ao Brasil grandes nomes, como Liza Minnelli, Sammy Davis Jr, Andrea Bocelli, B.B. King, B.B. King, Dionne Warwick e Ray Charles. Muitos deles não estão mais entre nós, mas deverão ser shows neste estilo, de artistas que não exigem um estádio de futebol. Na Serra Gaúcha, shows ao ar livre são muito delicados pela neblina e pelo tempo. Agora, para show indoor, vamos ter o centro de convenções e a sala de casamentos que vão proporcionar muitos dos shows que, até então, não vão à Serra Gaúcha.

JC – O Rio Grande do Sul tem ficado de fora do roteiro de shows internacionais. Como enxerga isso?

Dody – A DC Set Group tem o privilégio de ter contribuído e sido protagonista nos anos 1980 em colocar o Brasil e a América do Sul nos shows internacionais.



Cofundador do DC Set Group concedeu entrevista ao JC durante evento em SP

Nós não recebíamos grandes nomes e passamos a receber artistas como Metallica, Iron Maiden, Rod Stewart, Michael Jackson... Todos os grandes. E incluímos Porto Alegre em grande parte deles porque a cidade se beneficia pela logística para ir de São Paulo e Rio de Janeiro para a Argentina. Mas Porto Alegre andou para trás. Hoje, não temos tantas opções tirando estádios de futebol. O Gigantinho está parado. E acabou perdendo lugar para Curitiba, que também tem o benefício da logística e tem bastante opções.

JC – Como enxerga o desenvolvimento da Serra Gaúcha?

Dody – A potência da Serra Gaúcha já está mostrada. Gramado é um case extraordinário. Mesmo sem ter um aeroporto dentro da cidade, já mobiliza tanta gente. Foi feita uma pesquisa recente, mas que ainda não foi divulgada, e que diz que Gramado está no desejo de todo brasileiro. E a mídia passou a ter, para a imprensa, um interesse até maior do que Nova York, porque o brasileiro quer saber

de Gramado, que está no desejo e no inconsciente. Lá tem a magia do Natal, do chocolate do inverno. E foi com base nisso, por exemplo, que trouxemos a Nasa dos Estados Unidos para ter a estação fixa na Serra Gaúcha.

JC – E o Rio Grande do Sul?

Dody – Precisa fazer investimentos na área do turismo. Temos um potencial extraordinário, com a mais linda cultura do Brasil, com todo o respeito às demais. Só não sabemos explorar. Entendo que a parceria entre o setor público e o privado tem que ser intensificada. E estamos fazendo isso. Temos os pampas, temos as Missões, os cânions, que são muito mais bonitos e envolventes que os de Nevada e Las Vegas (nos Estados Unidos). Temos tudo isso que não é explorado. É culpa do governo? Não. É culpa do privado? Não. É uma falta de entendimento para que se estimule a poder ter mais estruturas. E Gramado tem mostrado que, quando há um investimento, há retorno. Acredito que o Rio Grande do Sul possa olhar para outras áreas.



Temos em Gramado uma realidade de 8 a 10 milhões de turistas por ano, com toda a estrutura que ainda está